



Redacção e administração  
Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO: O museu de Colonia — Notas vagas — Obras novas — Noticiario

## O Museu de Colonia

(Conclusão)

Na cathogoria dos arcos ha tambem uma infinita variedade de peças interessantes, de que citaremos apenas as principaes. Começa a secção pelas trombetas marinas, de que ha 10 exemplares, seguindo-se os *rebecs* e as *pochettes* dos mestres de dança. D'estas ultimas, contam-se nada menos de 40 no museu Heyer. Entre os pequeninos violinos de quarta, ou violinos de creança, apparece-nos um delicioso especimen assignado por Antonio Stradivarius, o principe dos violeiros cremonenses. A *rota*, o *crowth*, a primitiva *vielle à archet*, estão representadas no museu por reproduções expressamente fabricadas. O mesmo succede com algumas violas e *liras da braccio*, mas n'este departamento dos primitivos instrumentos d'arco sobresa e um autentico *lirone* datado de 1577, e assignado pelo veneziano Ventura Linarolo, que é uma verdadeira maravilha. Outro tanto diremos de uma *lyra da gamba*, de Antonius Brensius, violeiro bolonhez do seculo XVI, e de outro instrumento do mesmo genero, assignado por Gaspar da Saló. Entre as violas de braço ha perfeitas riquezas; a de Joachim Tielke, fabricante de Hamburgo em fins do seculo XVII, é das mais lindas peças da collecção. Fazem-lhe companhia, sem desdouro, as valiosas *gambas* de Peter Rombouts, Matheus Epp, Christoph Döring, Thomas Edlinger, Martin Hoffmann, Matteo Gofriller, e ainda de

Joachim Tielke, que tem duas violas-tenores, *da gamba*, respectivamente datadas de 1697 e 1699, e ambas preciosas como forma e como decoração. Nos instrumentos de cordas sympathicas, tem o primeiro lugar as violas d'amor. Podem contar-se 26 no catalogo e são todas do seculo XVIII.

Passando sobre as 3 violas bastardas, ou baixos de viola d'amôr, fixemos como peças capitaes do museu dois preciosos barytonos, tambem do seculo XVIII, e respectivamente etiquetados por Daniel Stadlmann, de Vienna, e Simon Schödler, de Passau. E são tanto mais dignas de registro essas duas peças, que o barytono ou *viola di bordone*, o instrumento predilecto do principe de Esterhazy, para o qual escreveu Haydn tantas e tão bellas composições, é hoje instrumento quasi *introuvable*.

O catalogo completa-se com a moderna familia do violino, e alguns outros instrumentos similares.

Em violinos propriamente ditos, pena é que não figurem na collecção as grandes marcas italianas; fazem grande falta em uma exposição tão notavel e variada como esta de que nos vimos occupando.

Não faltam porem as curiosidades—o violino trapezoidal de Savart, os violinos em faiança, a *philomele*, o violino d'Hardanger, o violino-bengala, e outras exquisitices que pouco adiantam na historia da nossa arte. Melhor representado está o grupo das violetas, que, entre outros instrumentos de valôr, tem um *contralto* de Vuillaume, muito curioso.

Nas *violas pomposas* ha duas de Joh.

Christ. Hoffmann, com as datas de 1732 e 1741, notando-se tambem, do mesmo fabricante, uma *viola da spalla*, de grande valôr intrinseco e historico.

Entre os violoncellos, existe um de Carlo Tononi e um curiosissimo *violoncello da spalla* de Lorenzo Arcangioli. Como intermediario entre o violoncello e o contrabaixo, figura no museu um *cellone*, instrumento moderno que se afina uma quarta abaixo d'aquelle.

Entre os contrabaixos, ha numeros de alto valôr: um violone de 5 cordas, do sec. XVII, outro de Dini com a data de 1707, um contrabaixo de Klotz, etc. etc.

Agora que revelamos ao leitor curioso um cantinho dos mais interessantes do grande museu coloniense, só nos resta acrescentar que o catalogo se não limita á succinta descripção das peças, pois contem, precedendo cada uma das secções, uma desenvolvida nota historica sobre cada uma das especies de instrumentos, reproduções photographicas de todas ou quasi todas as etiquetas, muitas d'ellas ineditas, indices e registros methodicos e bibliographicos, e um sem numero de indicações, tão fidedignas quanto se pode exigir em assumpto tão ericado de duvidas e indecisões, e portanto de socorro inestimavel para o estudioso da especialidade.

Só o catalogo, de per si, se pode considerar como um monumento d'arte, que compendia todas as investigações e todos os progressos que, no vastissimo campo da organographia musical, se tem realisado n'estes ultimos tempos.

L.



## Cartas a uma senhora

190.<sup>a</sup>

De Lisboa.

Pois que o sol voltou a visitar-nos, querida amiga, e contorna d'uma luz cariciosa e doce toda a mancha citadina que assim nos surge envolta em tonalidades unicas, sejamos alegres. «O seculo XIX libertou a alma do trabalhador mas não a

alegrou; será a função do seculo XX por meio da associação».

Tarde, de quem são estas linhas escreve depois:

«L'envie et la haine, même victorieuses, ne sont jamais joyeuses. La bonté, même vaincue, est souriante.»

Se o papel social da alegria conforme elle aventava, cabe á associação, de modo algum os individuos podem dispensar-se de collaborarem n'elle embora dispersos ou isolados.

Assim, enquanto se não funda por aqui uma liga da alegria, tentemos secundar o generosissimo pensamento do saudoso philosopho, procurando cada um de nós, na medida do possivel — ao menos não ser triste. E isto consegue-se cultivando a Belleza, que é uma das encarnações d'essa Bondade de que nos fala Tarde.

Ainda aqui os artistas teem uma fecunda missão a exercer, e manda a verdade que se affirme que alguns a veem cumprindo com brilho e com denodo.

Cito-lhe para exemplo a ultima palestra realisada por Leal da Camara na séde da associação da industria.

Parece-me que já em mais d'uma das minhas cartas existem referencias a este illustre caricaturista que em Paris se tem celebrisado, celebrisando a terra onde nasceu, e V. Ex.<sup>a</sup> não carece de que eu lhe faça a sua apresentação. Conhece-o e admira-o.

Não sei, porém, se elle lhe será familiar sob o aspecto de conferente.

Pois digo-lhe que tambem não é nada banal. Tem mesmo, por assim dizer, uma maneira sua que participa simultaneamente da caricatura, da psychologia e da litteratura.

Em phrases curtas, em palavras typicas, em sublinhados simples, Leal da Camara dá-nos um traço vivo d'aquillo que quer exprimir e, coisa curiosa, sem armar em estylista ou em rhetorico, e evitando em nome do bom gosto esthetico ser pantafá-cudo ou ser declamador e muito menos ser dogmatico, estabelece com o seu publico uma corrente sympatica obedecendo assim á lei da diffusão nervosa em que todo o artista mais ou menos instinctivamente se firma; d'ahi estar-se bem ouvindo-o discorrer ao sabor dos assumptos que vae tocando ou das cordas que vae percutando.

Outro dia tratava-se da arte do annuncio, e Leal da Camara desferiu notas novas cheias de pittoresco e de imprevisto.

Principiando por definir a arte como uma emanação ideal do espirito, catego-

risou-a em arte glorificadora, arte combativa, arte utilitaria.

Citou como exemplos da primeira a obra de Meunier que em França teve continuadores na pintura e já tinha tido Zola e Valès no romance e na critica, e que até entre nós encontrou interpretes como Julio Vaz e Constantino Fernandes.

Na segunda incluiu os caricaturistas que podem ser e de ordinario são os mais audazes demolidores do preconceito e da rotina, servindo, não raro, por meio da pathologia graphica uma saudavel obra physiologica de renovação e de liberdade; tal o caso do inesquecivel Rafael Bordalo e o d'elle proprio Leal da Camara, que modestamente se não nomeou, o que eu faço sem reboço.

Finalmente, na terceira estudou a chamada arte utilitaria ou util, para sermos porventura mais correctos ou mais precisos, a arte applicada a todos os usos e necessidades da vida caseira e social.

Por minha conta friso esta definição, porque em principio sou de parecer que toda a arte é utilitaria ou util conforme appeteça chamar-lhe. Tão necessario se torna á saude integral d'um espirito contemplar a Venus de Milo e o *Angelus* de Millet como repousar o corpo n'uma cadeira elegante e solida, e os olhos por egual se devem deliciar com a vista, quer d'uma encantadora paisagem, quer d'um precioso movel.

Revertendo comtudo ao ponto concreto que Leal da Camara explanou, foi com verdadeiro interesse que o publico seguiu a exposição do conferente quando elle lhe ia desdobrando as variadas phases da publicidade; a vantagem do cartaz, o segredo e o successo da sua factura; as leis psychologicas que suggestionam a multidão e a guiam; a theoria das côres e a sua applicação ao annuncio, e a somma de valores estheticos que entram na elaboração de tudo isto.

Com anedoctas a proposito, com exemplos adequados, com profundo conhecimento do modo de ser do que deve designar-se *o cliente*, Leal da Camara mostrou-se em toda esta parte da sua conferencia não só um fino artista subtilmente ironico mas um atilado observador paciente e profundo, sabendo a sua psychologia como qualquer psychologo e applicando-a *in loco* como qualquer experimentalista.

Os artistas passam para muitos por ignorantes das materias que os não interessam; mas vae sendo tempo de arrumar este bofrento logar commum, porque hoje nada ha que não deva interessar um artista.

Na existencia intermental de agora, dados os phenomenos de osmose social que constantemente se estão passando, tudo acaba por interessar a todos e com mais razão a essas organizações espezias de reflectores da vida, de condensadores dos sentimentos e das idéas, que no seu fundo de resonancia sensitiva e nas placas visuaes e auditivas que trazem em vibração tudo têm de registar e transformar.

Leal da Camara mostrou aos seus ouvintes que não lhe são estranhas as linhas geraes da optica, da acustica, da chimica, e que está na posse das principaes leis psychologicas que entram na genese da obra d'arte, ou que explicam o factor artistico atravez da historia.

Correlativamente elle nos mostrou tambem a fôrma pratica de applicar aquellas leis a um problema qualquer:—exemplo, o mobiliario; exemplo, a habitação.

E aqui, Leal da Camara *tem se executado*, para me servir d'uma suggestiva expressão francesa, porque em successivas exposições vem exhibindo especimens de mobilia artistica de cuho caracteristicamente nacional e ao mesmo tempo de facil e modica execução economica.

Pelo que respeita á habitação alvitrou a construcção d'um typo de casas a preços accessiveis, que muito bem poderiam levantar-se na margem esquerda do Tejo.

E ambos estes pontos elle os tratou com elevação e com amor, sem nunca descuar o lado pratico e immediatamente verificavel.

Aqui, quasi póde dizer-se que foi ao mesmo tempo um estheta e um economista, e se as criticas com que crivou os mil e um ridiculos dos varios snobismos de que enfermam grandes compartimentos do nosso edificio social não deixaram de ser mordazes, espirituosamente annotou as especies teratologicas do mobiliario indigena que ainda infestam até as chamadas casas ricas, ou sobretudo essas, verberando, sem ter necessidade de recorrer a tonitruantes periodos, a lamentavel ausencia de amor pelas coisas portuguezas, pela nossa arte, pela nossa tradição, pelas lindas fôrmas cheias de graça e de originalidade que ainda attestam, por essa provincia fóra, como Portugal é afinal um povo tão esthético que a tudo tem resistido.

E então, dirigindo-se aos artistas, lembrou-lhes que lhes cumpriria estudar a vida portugueza, estylisar todos os productos, todas as creações d'ella, em suma, penetrar de emoção, de verdade, de côr propria nacional as florações artisticas do seu genio.

Compreenderá, querida amiga, que o assumpto não podia ser mais interessante, e que Leal da Camara poz n'elle o melhor da sua alma de artista.

Assim houvesse sido possível acompanhá-lo na sua exposição, nas experiencias que fez, nas elucidações que deu, nos graphicos e cartões que mostrou; mas escrevo esta já a muitos dias de distancia d'essa impressiva lição de cousas e na minha paleta não ha as côres de que elle dispõe.

Fiquei pallido como pallido plumitivo que sou.

Andrew Wilson opina que para influir na opinião publica se deve contar com a mulher, «porque, para sua gloria e credito, ella tem ensejo de influir no Poder, levando-o a dirigir o pensamento nacional para caminhos serios e a effectuar as reformas desejadas, de modo a inaugurar um tom de vida mais saudavel que aquelle que domina agora».

Applicando estas palavras á sociedade que nos interessa, se o seu sexo, querida amiga, quizesse, entre outras questões, interessar-se por esta que prendeu a attenção e mereceu o estudo de Leal da Camara, não lhe parece que ahí estava um meio de servir essa alegria a que no principio d'esta carta alludi?

Por mim, assim o julgo porque, habitar uma casa estheticamente bella e saudavel, e rodearmo-nos de formosos e attrahentes objectos, é já uma maneira de moralmente gosar saude e physicamente ser alegre.

AFFONSO VARGAS.



## Obras novas

Do editor parisiense E. Demets recebemos um punhado de obras novas, entre as quaes algumas de innegavel interesse e originalidade. Para de algum modo corresponder á cortezia com que nos foram offerecidas essas novidades, faremos gostosamente a cada uma d'ellas uma rapida allusão.

SWAN HENNESSY, *Croquis parisiens* (Op. 47) — E' um album de tres numeros de piano, de accentuado estylo moderno. Como todas as creações d'este nosso tempo, torturado e inquieto, não se podem analysar

á simples leitura; apesar de não frisarem pela extravagancia e arrojo do ultra-modernismo, teem bastante complicação de rythmos e de harmonias para nos lançar o espirito em uma perplexidade bem desculpavel. Depois, não se encontra facilmente a relação entre aquella musica e aquelles titulos. *Promenade matinale au Jardin du Luxembourg*, é um letreiro bem luxuoso; mas em vão procurámos no texto musical alguma coisa que nos dêsse ideia do lindo jardim parisiense, da «manhã», que as ha de tão variado aspecto, e até do proprio «passeio» que o auctor teve em vista. O segundo trecho ainda mais nos confunde. Trata-se de *L'américain qui a bien diné*. Com aquellas duas paginasinhas de musica tão melodica e singela, bonita a valer, ficamos curiosissimos de saber o que o demonio do americano teria jantado, e sobretudo o *estado d'alma* (e não o estado do estomago) que teria correspondido a essa truculenta agape. E dizemos *truculenta*, por partirmos do principio que, sendo ricos todos os americanos, devem todos jantar principescamente. No *bisbiglio* do presto com que fecha a collecção, *Dans un atelier de couturières*, talvez se possa ver, com um pouco de boa vontade, o susurro da conversalhada das raparigas ou o ruído cadenciado das machinas de costura...

GARCIA MANSILLA, *Les Charmettes*, berceuse — Esta é *berceuse* para todos os effeitos, apesar de, a meio da obra, uma certa agitação pouco propicia ao somno. Pecinha interessante, sem grandes vôos.

J. HERSCHER, *Transcriptions pour le piano d'œuvres d'orgue* — Das novidades da casa Demets é sem duvida uma das mais valiosas. E é uma velharia. Segundo vemos no frontespicio, impoz-se este intrepido editor a publicação de obras dos mestres francezes dos seculos XVII e XVIII, e seguidamente as dos allemães, predecesores de Bach, dos italianos, hespanhóes, etc. E' um relevante serviço prestado á nossa arte, pois que a maior parte d'essas obras são difficilimas de obter hoje, e as reduções para piano simplificam-lhe o estudo e a analyse. O primeiro fasciculo, agora recebido, contém obras de Roberday e de Louis Marchand.

MARCEL BERNHEIM, *Danses antiques* — Eis aqui uma *suite* de grande merecimento e belleza. Escrita em uma linguagem harmonica excepcionalmente colorida e subtil, toda baseada nos modos gregos, evocamos scenas verdadeiramente encantadoras da vida hellenica. Só no primeiro numero, *Au bois des Nymphes*, se pôde censurar

uma inutil prolixidade. Em compensação, o segundo, *Prière*, para canto com texto grego, é um delicioso pedaço de musica, que muito desejaríamos ver vulgarizado nos concertos. O terceiro, *Jeu de la Balle*, apesar de muito bello, empallidece depois d'aquelle.

A. VERLEY, *Menuet tendre*, para violino e piano — Na *mièvrerie* do titulo presume-se a delicadeza e gracilidade do seculo XVIII. Nada d'isso. A musica é bem do seculo XX, do seculo dos aeroplanos e da harmonia dissonante. Apesar do contrasenso, ouve-se com agrado... se fôr bem executada.

ERIK SATIE, *Embryons desséchés*, tres numeros para piano — Foi muito propositadamente que guardamos para o fim esta colleção de peças ultra-extravagantes. Erik Satie, quasi em absoluto desconhecido entre nós, é uma personalidade das mais marcantes e originaes da moderna musica, ou antes, da musica modernissima. Não admira, porém, que se ignore em Portugal o nome de Satie, quando o proprio Debussy é ainda considerado aqui como uma especie de bicho raro. Ora se Debussy, em fins do seculo passado, provocou, a par de intuitivos entusiasmos, um certo numero de indignações mal contidas, certo é que em toda a parte se reconhece hoje que o seu estylo veio na hora propria, como consequencia natural de successivas evoluções anteriores. Assim, se reflectirmos que os revolucionarios d'hoje são amanhã simples evolucionistas, manda a prudencia que reservemos opiniões precipitadas a respeito dos que vão chegando. Não faltará quem chame doido a Erik Satie. Outros lhes chamarão genial e, no fim de contas, o genio anda visinho da loucura! O que elle é evidentemente é um humorista, que adora a *boutade* em musica — um *pince-sans-rire*, para quem todo o edificio, complicado e pomposo, da nossa sciencia musical, é um pretexto de pura troça. O proprio titulo de muita das suas obras tem um ar caricatural, como *Airs à faire fuir*, *Danses de travers* e os bailados, que se annunciaram ha tempos como estando «em preparação» e que correspondem aos nomes ultra-fantasticos de *Onotrotance*, *Irnebizolle* e *Corcleru!*...

Não crêmos que Erik Satie possa ter no nosso pais, antes do alvorecer do seculo XXI, o mais pequeno successo sincero; mas, a titulo de mera curiosidade, e para os poucos a quem possa interessar o que se faz lá fóra em materia de composição, vamos dar a lista da obra de Satie, que supponos em grande parte ainda não pu-

blicada: melodias vocaes, tres sabarandas (1887-1890), *Les Gnossiennes* (1889), a musica para *Le fils des étoiles* (1891), para *Uspude* (1892), *La Neuvaine* (mesmo anno), *Danses gothiques*, *Pièces froides* (1897), *Gymnopédies*, *Sonneries de la Rose-Croix* e varias peças a quatro mãos (1903), entre as quaes um *Coral* e *fuga*.

Agora, com as datas de junho e julho de 1913, apparecem os tres «embriões dissecados», tres crustaceos esquisitos, de fóma com certeza muito rara e nome arrevesado e barbaro. São a *holothuria*, a *edriophthalma* e a *podophtalma*—tres surpresas para nós, que do estranho e original musico francez (é nativo de Honfleur) só conheciamos a segunda das sarabandas, peça em que, atravez de uma verdadeira nevoa de sustentidos, se descobrem umas harmonias preciosas e absolutamente ineditas. Vinte e seis annos depois, visto que



Erik Satie

a tal sabaranda tem a data de 1887, apparecem-nos os esquisitos peixes. São pequeninas peças *à programme*, que nos vem comprovar a firmeza de principios do bom Satie, o seu soberano desprezo pelas convenções (a propria linha de divisão dos compassos já foi posta de parte), a liberdade plena do trabalho harmonico, e acima de tudo a incorregivel *cocasserie* do seu endiabrado feito de humorista.

A descripção programatica de um dos numeros, da *holothuria* por exemplo, poderá dar ideia d'esse feito. Em uma nota previa começa por dizer:— Les ignorants l'appellent le *concombre des mers!* L'Holothurie grimpe ordinairement sur des pierres ou des quartiers de roche. Comme le chat, cet animal marin ronronne; de plus, il file une soie dégouttante. L'action de la lumière semble l'incommoder. J'observai une Holothurie dans la baie de Saint-Malo.»

A musica vae-nos descrever isso, ao que parece; mas para que o executante não

tenha a mais pequena hesitação, cada phrase ou fragmento de phrase (!) tem um distico elucidativo do theor seguinte.

*Sortie du matin*  
*Il pleut*  
*Le soleil est dans les nuages*  
*Assez froid*  
*Bien*  
*Petit ronron*  
*Quel joli rocher!*  
*Il fait bon vivre*  
*Comme um rossignol qui aurait mal*  
*aux dents*  
*Rentrée du soir*  
*Il pleut*  
*Le soleil n'est plus là*  
*Pourvu qu'il ne revienne jamais*  
*Bien*  
*Petit ronron moqueur*  
*C'était un bien joli rocher! bien gluant!*  
*Ne me faites pas rire, brin de mousse:*  
*vous me chatouillez*  
*Je n'ai pas de tabac*  
*Heureusement que je ne fume pas*

E isto que começou em *dó* maior ou cousa que o valha, acaba muito despreocupadamente em sol, com o accorde da tonica placado nada menos de 18 vezes a seguir!

Este genero de fecho, d'um irresistivel comico pelo contraste com as dissonancias tremendas de que está recheiada a peça, é tambem adoptado no ultimo numero (*Podophthalma*), com a rubrica de *Cadence obligée (de l'auteur)*.

\*

Já que falamos em edições novas, não queremos deixar de alludir, com agradecimentos pelo respectivo envio, a quatro composições que nos acaba de offerecer a casa Raymundo de Macedo, do Porto. Escasseia-nos contudo já o tempo e o espaço para a ampla noticia, que desejaríamos fazer e que mereciam decerto as referidas composições.

NICOLINO MILANO, *Romance pathétique* para piano e violino — Tem muita fantasia e novidade harmonica. O tão distincto violinista e chefe d'orchestra denota n'esta, como nas outras peças, tendencias que se devem applaudir e animar. Não se pôde continuar eternamente a compôr á moda de 1830!

NICOLINO MILANO, *Allegro appassionato* para os mesmos instrumentos — Peça brilhante e de virtuosismo. No final tem passos d'imitação bastante interessantes.

NICOLINO MILANO, *Réverie* ainda para os mesmos instrumentos — E' para nós a mais bem deduzida e equilibrada das tres novidades, que acabamos de apontar. E' de suppôr que tenha uma larga diffusão entre os violinistas; merece mesmo as auras da popularidade.

ALFREDO NAPOLEÃO, *Diva*, valsa para piano — E' uma valsa de concerto, na habitual maneira do auctor. Napoleão, já o temos dito, é um homem de talento; mas é um homem antigo, essencialmente preso a tradições envelhecidas. E na sua idade, já se não muda.

\*

*Pela minha terra* é uma nova rapsodia de motivos populares, coordenada pelo sr. Costa Pinheiro. Muito agradecemos o exemplar que nos foi amavelmente enviado.



## PORTUGAL

Tendo regressado de Italia no principio d'este mez, já retomou os seus cursos a illustre professora D. Eugenia Mantelli. Damos-lhe as boas vindas, com a homenagem, que gostosamente aqui lhe confirmamos, da nossa grande estima e admiração.

\*\*\*

Em fins de setembro effectuou-se no salão do Grande Hotel Lisbonense (Caldas da Rainha) uma brilhante *matinée* musical, em que pela segunda vez se apresentaram naquella pittoresca estancia thermal dois artistas espanhoes do mais alto valôr — a sr.<sup>a</sup> Dargallo-Collar, cantora do Conservatorio de Madrid e Liceo de Barcelona, e seu marido, o sr. P. Collar, concertista de piano.

Temos as mais lisongeiros informações d'estes dois artistas, que, segundo parece, se farão ouvir na nossa capital em principio do proximo mez de Novembro.

Mad. Dargallo-Collar é um soprano ligeiro de uma afinação impecavel, com um registro agudo lindissimo, agilidade que

surprehende, e estylo o mais puro. A aria da *Somnambula*, assim como as estafadas *Variações* de Proch, e outros trechos que tinha no programma, puzeram em relevo esse conjuncto de excepcionaes qualidades e valeram-lhe grandes e bem merecidas ovações. Quanto ao pianista Collar, apesar de lutar, sem esforço aparente, com as deficiencias de um provector Erard, cuja reforma se impunha duplamente, e de ha muito, tanto pela idade como pelos annos de serviço, teve a rara habilidade de conquistar o seu publico na 11.<sup>a</sup> *Sonata* de Beethoven, emocionando-o no admiravel adagio inicial e arrebatando-o, por fórma inesquecível, no *presto agitato*, com que fecha a composição. Causou tambem sensação a maneira como interpretou, na segunda parte do concerto, o *Ariel* de E. Pons, composição pouco ou nada conhecida entre nós.

Por deferencia para com estes notaveis artistas, tambem tomaram parte no concerto a sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Saguer, distincta compositora e violoncellista, e seu esposo e nosso prezado amigo o sr. Theophilo Saguer.

\* \* \*

A *Academia dos Estudos Livres* recommçou os seus trabalhos escolares. N'elles se faz uma larga parte á musica, havendo classes de Rudimentos e de Harmonia, a cargo do professor Silveira Paes, assim como de Piano e de Violino, respectivamente sob a direcção das sr.<sup>as</sup> D. Eulalia Gonçalves Paes e D. Aida de Freitas.

No ensino primario, tambem figura o Canto coral.

\* \* \*

Parte brevemente para uma grande *tournee* de concertos no Brazil, Argentina e America do Norte, a já hoje notavel pianista portugueza D. Adelina Rosenstock.

Muito folgamos com esta decisão da illustre concertista, que vae sem duvida honrar lá fóra o nome patrio, evidenciando ao mesmo tempo, em longiquos paizes, o seu peregrino talento e o optimo ensino artistico que tanto em Portugal como na Allemanha lhe foi ministrado.

Auguramos-lhe uma serie ininterrompida de triumphos.

\* \* \*

A orchestra symphonica recentemente organisada no Porto será dirigida, ao que nos consta, pelo talentoso musico portuense e nosso querido amigo, sr. Raymundo

de Macedo, que tem estado na Allemanha preparando-se para esse difficil trabalho e escolhendo repertorio para os futuros concertos.

Raymundo de Macedo tomou lições e conselhos do prof. Hans Sitt, de Leipzig, e dos maestros Hagen e Blech.

Fazemos votos para que, n'esta nova phase da sua carreira musical, tenha o moço artista mais uma occasião de evidenciar o seu merito, de que tem dado bastas provas, quer como concertista quer como professor de piano. Na tão ardua missão de dirigir orchestras, não lhe faltarão obices de toda a natureza, contrariedades e embaraços, vindos até de quem maior obrigação teria de lh'os evitar. E' o costume e não ha fugir-lhes n'um bemaventurado paiz, em que o proprio esforço, sincero e desinteressado, não é arma bastante para lutar contra a insignificancia invejosa dos que, nada produzindo de util, tambem não admittem a produção alheia. E' essa velha pecha portugueza que tem derruido as mais nobres iniciativas e aniquilado os melhores e mais santos propositos.

Temos comtudo fé em que o joven artista portuense, espirito progressivo como é, arrojado e insistente, no bom sentido, hade encontrar em si proprio, com o merecimento artistico que ninguem lhe poderá razoavelmente contestar, a tenacidade e a força d'animo precisas para remar victoriosamente... contra a corrente.

\* \* \*

Teve logar a 9 o sarau e abertura das aulas da *Academia de Amadores de Musica*.

Consta-nos que se apresentaram n'esse sarau algumas valiosas alumnas das aulas de canto, piano e violino, sendo a execução precedida de um elegante discurso, proferido pelo sr. dr. Alfredo Ansur. A ausencia porém do redactor encarregado da secção de concertos não permittiu que nos fizéssemos representar n'essa festa, o que sinceramente sentimos.

\* \* \*

Os concertos do *Double Quintette*, que deviam realisar-se no Porto em 13 e 14 do proximo novembro, foram fixados para 11 e 13 do mesmo mez, em virtude dos artistas parisienses terem de tomar parte, a 16, no concerto Lamoureux, em Paris.

\* \* \*

Nas Caldas da Rainha, e com a data de 7, effectuou-se um grande festival verdiano, promovido pela banda de Infantaria 1, sob

a direcção do seu distincto maestro Manoel da Encarnação.

Temos á vista o programa d'esta excepcional festa, que comportava selecções do *Macbeth*, *Rigoletto*, *Trovador*, *D. Carlos*, *Missa de Requiem*, *Otello e Falstaff*, terminando com uma marcha de Manoel Encarnação, em homenagem á memoria do genial compositor italiano.

\*\*\*

Ao concurso aberto pelo Estado para pensões a músicos no estrangeiro acudiram nada menos de 23 pretendentes, cujos nomes vão a seguir.

#### COMPOSIÇÃO

João Alves da Rocha Pires, José Maria Cordeiro, Pedro Fernando Pereira, Ruy Coelho e Theophilo de Russell.

#### CANTO

Alice Rey Colaço, Carolina Ochôa, Cesarina Lyra, Gecilda de Sá Pereira, Sarah Assumpção Marques de Sousa, Stella Leitão e Valerio de Rajanto.

#### PIANO

Aida da Silveira, Antonio de Lima Frago e Maria Rey Colaço.

#### VIOLINO

Accacio de Faria, Alberto Pimenta, Cesar Leiria e José Luiz Barbosa.

#### VIOLONCELLO

João Carlos d'Oliveira Passos, Lydia Brandão, Manoel de Campos Silva e Maria J. Fontes Pereira de Mello Fonseca.

### ESTRANGEIRO

O novo theatro parisiense dos Campos Elyseos fez a sua inauguração official em 2 do corrente mez, visto que a curta *season* de bailados russos que teve logar de abril a julho, e á qual aqui nos referimos, foi considerada como epoca extraordinaria, e por assim dizer de ensaio.

O repertorio da epoca definitiva comprehende varios cyclos de obras musicas de grande importancia: — tres ineditos francezes, a *Béatrice* de Messager, *Lazare* de Bruneau e *1814* de Xavier Leroux, alem de outras operas francezas já conhecidas;

as *Nozze di Figaro* de Mozart, o *Freischutz* de Weber e o *Tristão* de Wagner; varias obras estrangeiras de auctores modernos, como *Boris Godounoff* e *Kovanchichina* de Moussorgsky, *Abel e Caim* de Weingartner, o *Segredo de Susana* de Ferrari, etc.; peças choregraphicas, entre as quaes a *Rosemonde* de Schubert, o *Peer Gynt* de Grieg, *Childrens' corner* e *Nocturnos* de Debussy, *La Péri* de Dukas, e outras; finalmente, o já inevitavel *Parsifal* que, em janeiro e fevereiro, terá dez representações excepcionaes, com a *mise-en-scène* exacta de Bayreuth. Alem d'isso, representações dramaticas. concertos symphonicos (ás quartas feiras), recitales d'orgão, etc.

No elenco figuram artistas notaveis e, como directores d'orchestra, Chevillard, Vincent d'Indy, R. Hahn, Hasselmans, Weingartner, Max Schillings, e outros.

\*\*

O Theatro Real de Turim annuncia para a epoca 1913-1914 o *Parsifal* de Wagner e a *Francesca da Rimini* de Ricardo Zandonai, duas *premières* de sensação. O resto do repertorio é constituído por obras archiconhecidas, *Lohengrin*, *Gioconda*, *Otello*, etc.

\*\*

Nas recitas que o tenor Caruso vae dar na *Opernhaus* (Berlin), os preços serão de 10\$000 réis por cada cadeira de plateia e dez libras por cada camarote com quatro logares.

\*\*

A *Vivandeira* é o titulo de uma nova opera de E. Humperdinck, feita sobre libretto de Robert Misch e cujo acção se passa no principio do sec. XIX.

\*\*

Em 27 d'este mez começam os concertos symphonicos do Queen's Hall, em Londres. Estão contractados, como directores, Nikisch, Mengelberg, Safonoff e Steinbach.

\*\*

Assim como se fez modernamente para a *Damnation de Faust*, conta o *Ménestrel* que já em 1846 se fez uma adaptação scenica do *Désert* de Felicien David. Disse-ram os jornaes da epoca que n'esta representação especial, entraram quarenta coristas e dois... camellos de papelão!